

## RÉPLICA

*Thomas Bonnici<sup>1</sup>*

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a prontidão e a competência pelas quais a Dra. Peônia Viana Guedes, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, apreciou os três artigos acima apresentados no VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino-Americana e Caribenha, acontecido na Universidade Estadual de Maringá em 20-23 de julho de 2004.

Referente à diáspora, realmente um dos pontos fundamentais da teoria pós-colonial, muito mais poderia ser comentado sobre como ela afeta o sujeito fragmentado representado na literatura. A representação do sujeito diaspórico freqüentemente mascara o funcionamento da cultura dominante baseada nas diferenças e não nas contradições. Percebe-se que os personagens Nash, Martha e Solomon/Gabriel, embora libertos ou alforriados, estão cada vez mais imersos na hierarquização ocidental. As estratégias desses personagens subalternos são apenas sintomas do trauma colonial e o renascimento desse mesmo trauma, através de modalidades diferentes, no centro do poder (neo)-colonizador.

Agrava-se a diáspora do Negro, do subalterno ou do ex-colonizado devido ao aprofundamento da globalização, representada pela emigração e pelo sofrimento dos sujeitos diaspóricos em ambientes hostis como aqueles que o personagem Solomon encontrou durante sua curta estada na Inglaterra. Será que isso não é uma antítese aos termos usados pelo Pós-colonialismo sobre o estatuto dos sujeitos sem-lar e diaspóricos tão enaltecidos por Bhabha e Said? Quando se fala do sujeito da diáspora transnacional e reflete-se sobre a conscientização, a etnicidade e a construção da identidade desse mesmo sujeito, não está o Pós-colonialismo negando o terror do racismo de milhões de sujeitos subalternos encontrados nos países centrais? Será que a importância da diáspora tão fundamental na teoria pós-colonial encontra-se na frustração e da solidão engendradas pelo capitalismo global? Será que a diáspora transnacional não é uma reação contra o ambiente considerado “decrépito” pelo sujeito pós-colonial, o qual olha para os centros do

---

1 Professor do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá.

poder como o paraíso e a solução de seus problemas pessoais e, portanto, uma grande ilusão?

A representação ficcional do sujeito pós-colonial na literatura de língua inglesa parece indicar esse rumo. Beatrice em *The Ventriloquist's Tale*, Loretta em *The Migration of Ghosts*, Abdul em *The Pickup*, Sir Anthony em *Indigo* e outros personagens pós-coloniais que realizam a *middle passage* moderno estão fadados se não ao fracasso, pelo menos à frustração, à mais subalternância e à hierarquização talvez mais nociva do que o que acontecia durante a diáspora pré-transnacional.